

Mais progressos com o Pró-Saúde

A leitura de alguns relatórios do Pró-Saúde e a interlocução com a professora Clarice Ferraz induziu a idéia destas breves reflexões.

1 – Insistir na necessidade de todos os envolvidos nessa empreitada se conscientizarem de que vivemos o tempo das diferenças, da pluralidade e precisamos refletir acerca de nossos valores, porque eles são questionados diariamente. Isto significa que devemos viver em sintonia com o entorno social, principalmente em se tratando de unidades de ensino superior, onde a convivência é importante, pois não se trata de entidades voltadas somente para o aprendizado, sob o ponto de vista intelectual, mas também para ampliar e desenvolver as maneiras de conviver. Daí ressaltar Paulo Roberto Corbucci, técnico de planejamento e pesquisa do Ipea (1), que “já é parte do senso comum a compreensão de que as mudanças na área educacional não seguem o mesmo ritmo da evolução social, em suas diversas manifestações. Nas instituições universitárias, os egressos não estariam sendo adequadamente preparados para o exercício profissional, tendo em vista o distanciamento existente entre o meio acadêmico e a realidade social”.

2 – Sem dúvida, essa revelação conduz a referir a percepção do pedagogo Hamilton Werneck (2): “no mundo do trabalho, é indispensável a capacidade de integração entre a razão, o afeto e a emoção, estimular a função afetiva da educação para perceber e vivenciar as questões humanas com uma visão mais aberta, com um relacionamento o mais interativo possível. Acreditar na força dessa tríade, numa integração permanente e contínua, é saber conviver, pois é isto que torna uma equipe sinérgica, capaz de fazer a soma das partes maior que o todo, de desenvolver uma ética adequada ao tempo de nossas vidas, e ser criativa, isto é, fazer mais com menos”. Então, seria levar à construção de um ideário que visa à transformação da realidade, a pensar o trabalho como princípio educativo para essa mudança, evitando comportamentos de intolerância, discriminação e preconceitos, e discutir as implicações dos novos requerimentos para a formação que traz a economia.

3 – Estamos convictos de que o Pró-Saúde almeja uma finalidade que vai além de incentivar a geração de conhecimentos em benefício de uma sociedade menos desigual e mais justa. Propõe e apóia uma atuação sinérgica para formar profissionais generalistas, socialmente críticos e tecnicamente capacitados a um desempenho que os converta em agentes dessa transformação. Aproxima-se do que sugere Paulo Roberto Corbucci: “uma reformulação curricular que deve começar pela inclusão de um núcleo comum de conteúdos que seriam compartilhados por todas as áreas de formação”. Talvez seja pertinente recordar o que aconselha Hamilton

Werneck: “Neste início de século há necessidade de se acreditar em alguma coisa. Se não houver fé de cunho espiritual, será uma fé de cunho material, podendo ser um projeto, uma campanha, uma série de metas traçadas e aceitas pelos grupos envolvidos. O fato é que, sem uma crença em alguma coisa, pouco ou nada será conseguido, e as pessoas estão desestimuladas pela falta de motivação que as conduza aos objetivos finais”. Em relação ao ensino médio, uma contribuição elogiável está sendo cogitada pelo Ministério da Educação: a volta da literatura brasileira aos currículos com vistas à valorização do gosto pela leitura e estimulação do pensamento reflexivo.

4 – Portanto, assume relevância a defesa de uma formação que procura reduzir a defasagem entre o espaço acadêmico e a realidade social; que discute as repercussões dos progressos científico-tecnológicos da transnacionalização da economia no tocante à formação e ao desempenho profissional; que identifica e analisa as mudanças na realidade sócio-sanitária e demonstra o valor da intersectorialidade na implementação das políticas públicas, em especial os avanços e dificuldades na construção e no aperfeiçoamento do SUS. Nesse sentido, cabe uma sugestão: articular-se a DEGES com o setor de publicações do Ipea – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, com vistas a que os vários cursos tenham conhecimento do que vem divulgando aquele Instituto – manuais, livros, revistas e textos para discussão. Como exemplo, citamos a revista “Desafios do Desenvolvimento (Ano 4, nº. 37, novembro de 2007), apresentando a “Pnad 2006 – Um novo país emerge das estatísticas”, com análises sobre as mudanças que ocorreram no Brasil nos últimos anos no campo da demografia, educação, trabalho, previdência, desigualdade de renda e pobreza. Nessa publicação, diante do retrato que esboçam do Brasil atual, propõem a busca de uma reflexão “além do lugar-comum, a fim de mostrar o que existe por trás dos números, pois é importante saber quais são e perceber o sentido e a trajetória desses fenômenos”. Seria essa uma atividade da academia? Constitui um modo de contribuir para que os alunos progridam abrindo o próprio caminho? Afinal, adverte Lilia Barbosa (Gestão empreendedora. Diário de Pernambuco de 13/janeiro/2008, p. B 11): Ninguém muda a cultura de uma empresa, se não mudar a forma de pensar e agir das pessoas que a compõem”.

Bertoldo Kruse Grande de Arruda

Referências:

- 1 – Desafios da educação superior e desenvolvimento no Brasil. Ipea: texto para discussão nº. 1287. Brasília, julho de 2007.
- 2 – O profissional do século XXI, Editora Record: Rio de Janeiro, 2003.